

AS VIVÊNCIAS DAS PUÉRPERAS ADOLESCENTES COM O NASCIMENTO DE SEU FILHO

**FUCKS, Ingrid dos Santos¹, COSTA, Ludmila Meireles²,
SOARES, Daniela Moura Domingues³, SEDREZ, Elisa da Silva⁴,
Orientação: SOARES, Marilu Correa⁵.**

¹Acadêmica do 9º Semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.
Email: guinga-enf@hotmail.com

²Acadêmica do 9º Semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.
Email: ludmila_mcosta@hotmail.com

³Acadêmica do 9º Semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.
Membro do NUCCRIN. Bolsista do Pet- Saúde/UFPEL
Email: danielamdsouares@gmail.com

⁴Acadêmica do 9º Semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.
Email: elisa.sedrez@gmail.com

⁵Enfermeira Obstetra. Doutora em Enfermagem em Saúde Pública. Docente da Fen/UFPeL. Membro do Núcleo de Pesquisas em Práticas de Enfermagem (NEPEN)
Email: enfamari@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

Segundo Rocha, Simpionato e Mello (2003), o nascimento é um período de fase sensitiva em que todos os eventos realizados nesta fase têm potencial para desenvolver o apego. Manter mãe e bebê juntos após o parto parece iniciar e estimular mecanismos sensoriais, hormonais, fisiológicos, imunológicos e comportamentais que possivelmente vinculam mais os pais aos filhos.

O vínculo é o sentimento do pai ou da mãe com a prole e não do filho com sua mãe, sendo definido como interação na qual duas pessoas adquirem um compromisso emocional e afetivo, e uma vez constituído torna-se sólido (BURROUGHS, 1995).

De acordo com Souza e Matos (2009), o contato íntimo precoce entre a mãe e seu bebê carece ser estimulado desde os primeiros minutos de vida, este momento precisa ser respeitado na sua individualidade e simbolismo. A amamentação é favorecida pelo contato pele a pele imediato, tornando a sucção eficiente e eficaz, aumenta a prevalência e duração da lactação, além de influenciar de forma positiva a relação mãe-filho.

Acreditamos que a técnica não pode tornar-se mais importante do que as pessoas envolvidas no processo do nascimento, com isso cremos ser fundamental o incentivo precoce o vínculo entre a mãe adolescente e seu filho como forma de estimular e garantir o fortalecimento da relação mãe-bebê. Nesse sentido, buscamos conhecer as experiências vividas pelas puérperas adolescentes com seu filho na sala de parto.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Trata-se de um recorte de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, intitulada "O vínculo da mãe adolescente com seu bebê na sala de parto: contribuição para enfermagem" que utilizou parte dos dados da pesquisa multicêntrica Atenção Humanizada ao Parto de Adolescentes com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq Processo Nº

551217/2007-3. Fizeram parte deste estudo dez puérperas adolescentes que tiveram seus partos no hospital participante da pesquisa no período de novembro de 2008 a novembro de 2009.

Os critérios para a seleção dos sujeitos foram ser puérpera adolescente e ter participado da pesquisa Atenção Humanizada ao Parto de Adolescentes na cidade de Pelotas. O projeto da pesquisa Atenção Humanizada ao Parto de Adolescentes foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Área da Saúde da Fundação Universidade de Rio Grande para apreciação sendo aprovado, com o Parecer nº 031/2008.

Para manter o anonimato as puérperas envolvidas na pesquisa foram identificadas pelas iniciais do nome e sobrenome seguidas da idade. Para utilização dos dados da pesquisa Atenção Humanizada ao Parto de Adolescentes foi solicitado autorização da Coordenadora Geral Dr^a Nalú Pereira da Costa Kerber.

Os dados resultantes da análise foram organizados em temas conforme os passos sugeridos por Minayo (2004): Pré-análise, Exploração do material e Resultados obtidos e interpretação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O nascimento do bebê inaugura uma nova fase na relação mãe-filho, pois esse não é mais uma imagem idealizada e sim uma criança real, sendo o começo da formação de um vínculo entre duas pessoas com características próprias (BRANDÃO, 2008). No estudo, ao investigarmos como foi para as puérperas adolescentes a experiência do nascimento de seu filho, elas apontaram sentimentos de satisfação, [...] *Bem bom!* (risos) [...] *bom* (A.D.D-19), *Ah, foi bom!* (A.P.C.V-17), *Foi bom* (G.S.C-18).

Cruz, Sumam e Spíndola (2007), mencionam que a mulher-mãe vivencia as sensações do processo de gestar e parir de maneira única e particular. Acreditamos que o parto é para cada mulher uma experiência única e respeitar a sua individualidade é uma forma de guiá-la na escolha do que é melhor para o seu filho e para seu corpo.

Para Dias e Domingues (2005), o parto precisa ser vivido como uma experiência humana e não apenas biológica, na qual a mulher carece ser a protagonista tendo a oportunidade de expressar suas emoções, medos e anseios.

Em seus depoimentos as mães adolescentes consideraram o parto como uma experiência boa e emocionante. No entanto, C.R.G.S-18 pontuou como uma experiência para não ser repetida tão cedo, [...] *É emocionante e uma nova experiência. Apesar de já ter tido duas guriazinhas gêmeas;* (J.G.S-18), *Estava bem nervosa, mas considero que foi uma experiência boa, mas que também não quero repetir tão cedo [...]* (risos) (C.R.G.S-18).

Segundo Lopes et al. (2009), a vivência do parto é, geralmente, um momento singular e uma experiência marcante e significativa na vida de uma mulher. Já S.T.S.M-19 considerou o parto como uma experiência dura, pois demonstrou preocupação com a saúde do bebê pela repetição da prematuridade. *Experiência [...] dura, já é o segundo prematuro, como vou te dizer, seria bom se estivesse no tempo [...]* (S.T.S.M-19).

Acreditamos que o parto é sempre uma nova experiência na vida de uma mulher independente de não ser a sua primeira gestação. Cabe a equipe de saúde prestar-lhe um atendimento acolhendo suas necessidades, anseios e expectativas para que esta experiência seja lembrada de modo positivo.

As puérperas ao serem questionadas sobre sua experiência de parturição apontaram a dor como importante na percepção da experiência do parto. Para Ruano et al. (2007) a dor do parto é um aspecto importante e marca o início da maternidade para muitas mulheres, por aflorar o sentimento de ser mãe, pela proximidade do encontro com seu filho esperado e imaginado por nove meses. Já para Carraro et al. (2006) muitas mulheres afirmam que a felicidade sentida com o nascimento de seu bebê compensa todo o processo doloroso do parto, [...] *Fora a dor do parto, o resto tudo foi ótimo. Quando eu vi ele assim, foi recompensador (J.B.V-19), Foi bom, tirando as dores porque a gente vê o bebê e se derrete toda e acaba esquecendo o resto (E.C.S.L-18).*

Por um lado, imaginamos que a dor do parto seja temida para a maioria das mulheres durante o período gravídico e no momento de dar a luz a seu filho, por outro, a dor do parto marca o início de uma nova fase de mulher/mãe/nutriz, repleto de muita felicidade e responsabilidades diante de um novo ser humano totalmente dependente de cuidados e amor, [...] *Emocionante, de tu saber que é teu ali, que vai doer, mas, não sei te dizer, não sei como te explicar, só sei dizer que é muito bom (L.M.M-16).*

Segundo Lopes et al. (2009), quando a mulher recebe informações corretas referente ao processo de parturição, poderá se sentir mais autoconfiante e os sentimentos vivenciados durante o parto serão menos dolorosos e mais positivos, pois o medo do desconhecido aumenta a ansiedade e, com isso a sensação de dor, [...] *Foi uma guerra, dor de mãe a gente nunca esquece, mas quando colocaram nos "bracinhos" da gente, a gente esquece de tudo (G.S.S-19).*

Pensamos que, ao compreender a individualidade de cada mulher, ao respeitar suas crenças e cultura, os profissionais de saúde passam a atuar de forma sensível, harmônica e sintonizada com a singularidade das mulheres em uma proposta de atenção humanizada tornando a experiência de parturição mais positiva para mãe-bebê.

Portanto, a puérpera adolescente vivencia o nascimento de seu filho de maneira muito particular. Compreender como acontece esse processo possibilita aos profissionais da saúde o desempenho de suas ações de modo mais humanizado e individualizado. E ainda, contribui para que o processo de parturição seja lembrado pela puérpera como um acontecimento positivo e emocionante na sua vida.

4 CONCLUSÕES

O estudo desenvolvido possibilitou conhecer as experiências vivenciadas pelas puérperas adolescentes com seu bebê na sala de parto.

A maioria das puérperas adolescentes apontou sentimentos de satisfação ao vivenciarem o nascimento de seu filho que foi considerado como experiência boa e gratificante.

Diante das colocações de algumas participantes, a dor foi apontada como importante na percepção da experiência do parto. O estudo revelou que a emoção sentida com o nascimento de seu filho recompensou todo o processo doloroso do parto, principalmente, a dor é esquecida se for possibilitado à mulher tocar e ver seu bebê.

Desse modo, é importante compreender que a puérpera adolescente vivencia o processo parturitivo de maneira única e particular, e que a equipe de saúde precisa propiciar uma atenção integral e individualizada, contemplando os

aspectos emocional, cultural, social e psicológico da mãe adolescente e de sua família.

5 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, S.M.O.C. **Vivência do acolhimento da mulher encaminhada da Casa de Parto David Capistrano Filho à unidade de referência.** 2008. 141f. Dissertação-Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 10/12/2008.

BURROUGHS, A. **Uma introdução à enfermagem materna.** 6ª ed. Trad. de Ana Trorell. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARRARO, T.E.; KNOBEL, R.; RADÜNZ, V.; MEINCKE, S.M.K.; FIEWSKI, M.F.C.; FRELLO, A.T. et al. Cuidado e conforto durante o trabalho de parto e parto: na busca pela opinião das mulheres. **Texto Contexto Enferm**, v.15, n. esp, p.97-104, 2006.

CRUZ, D.C.S.; SUMAM, N.S.; SPÍNDOLA T. Os cuidados imediatos prestados ao recém-nascido e a promoção do vínculo mãe-bebê. **Rev. Esc. Enfermagem.** São Paulo, USP, v. 41, n. 4, p. 690-697, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S008062342009000100013&script=sci_arttext> Acesso em: 26 out. 2009.

DIAS, M. A. B.; DOMINGUES, R. M. S. M. Desafios na implantação de uma política de humanização da assistência hospitalar ao parto. **Ciênc. saúde coletiva.** Rio de Janeiro, v.10, n.3, p. 699-705, 2005.

KERBER, N.P.C. **Atenção Humanizada ao Parto de Adolescentes.** Pesquisa financiada pelo CNPq Processo Nº 551217/2007-3, 2007.

LOPES, C.V.; MEINCKE, S.M.K.; CARRARO, T.E.; SOARES, M.C.; REIS, S.P.; HECK, R.M. Experiências vivenciadas pela mulher no momento do parto e nascimento de seu filho. **Cogitare Enferm**, v. 14, n. 3, p. 484-490, jul/set 2009.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ROCHA, S.M.M.; SIMPIONATO, E.; MELLO, D.F. Apego mãe-filho: estudo comparativo entre mães de parto normal e cesariana. **Revista Brasileira de Enfermagem.** Brasília, DF, v. 56, n. 2, p. 125-129, 2003.

RUANO, R.; PROHASKA, C.; TAVARES, A.L.; ZUGAIB, M. Dor do parto: sofrimento ou necessidade?. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 53, n.5, p. 384-385, 2007.

SOUZA, M.S.; MATOS, T.A. **Contato pele a pele precoce mãe-filho: significado para as mães e contribuições da Enfermagem.** 2009. 42f. Monografia-Curso de Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.